



TAILISE LECARDELLI FROZZA

**MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA REGISTRADA A PARTIR DE  
DIFERENTES GERAÇÕES DE UMA FAMÍLIA ÍTALO-BRASILEIRA**

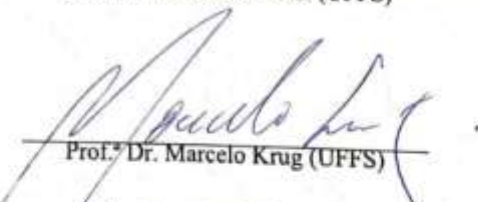
Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFES, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Cristiane Horst

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 11/12/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Cristiane Horst (UFES)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr. Marcelo Krug (UFES)

  
Prof.<sup>a</sup> Me. Celina Frizzo (Membro externo)

# MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA REGISTRADA A PARTIR DE DIFERENTES GERAÇÕES DE UMA FAMÍLIA ÍTALO-BRASILEIRA<sup>1</sup>

Tailise Lecardelli Frozza<sup>2</sup>

frozza.tati@hotmail.com

**RESUMO:** Com o presente trabalho temos por objetivo analisar o processo de evolução de uma língua inserida em uma família Ítalo-brasileira. Utilizamos como base teórica os seguintes pesquisadores: Campos (2006), Krug (2004), Krug e Horst (2015) Hall (2011) e Oliveira (2000), Pertille (2009), Radin (2001), Boni (1990), Signorri (1998), Thun (2005). A proposta é analisar os fatores que impulsionaram a manutenção e a substituição da língua, neste caso, a língua italiana. Da mesma maneira, buscamos compreender os movimentos de uma língua, os quais resultam na manutenção e substituição. Essa análise foi efetuada por meio de coleta de dados, a qual tem como pontos de pesquisa os municípios de Boa Vista do Sul e Coronel Pilar, situadas no nordeste do Rio Grande do Sul, e Faxinal dos Guedes situada no oeste de Santa Catarina. Ademais, as justificativas que suscitaram esta pesquisa surgem em vista que o objeto de estudo advém de fatores pessoal e familiar. Além disso, a pesquisa vem colaborar com a carência de estudos na área da descrição das línguas. Através desta pesquisa, buscamos analisar a manutenção e a substituição do *It.* uma língua inserida em uma família Ítalo-brasileira. Os dados da mesma comprovam que nas gerações mais velhas, ou seja, na geração de filhos de imigrantes italianos, a língua se manteve na maioria dos informantes. Destacamos que, a manutenção aconteceu por fatores como escola, religião. Porém, na geração de netos de imigrantes italianos, verificamos que houve a substituição da língua, não totalmente, mas em processo gradual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contato linguístico italiano português; manutenção e substituição de línguas; identidade étnica

## INTRODUÇÃO

Com o presente estudo analisamos a manutenção e a substituição do italiano<sup>3</sup>, uma língua praticada por integrantes de uma família Ítalo-brasileira ao lado do português. A partir desse propósito buscamos apresentar fatores que motivaram a manutenção e fatores que impulsionaram a substituição das línguas dentro desse grupo étnico específico.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de curso submetido ao curso de graduação de Letras- Português e Espanhol- Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR trabalho de conclusão de curso II, Orientado pela professora Doutora Cristiane Horst.

<sup>2</sup> Acadêmica da 10ª fase do curso de graduação em Letras- Português e Espanhol- licenciatura, UFFS, *campus* Chapecó.

<sup>3</sup> Variedade denominada pelos informantes. Porém destacamos que os estudos apontam que a variedade presente no Rio Grande do Sul é vêneto, enquanto em Santa Catarina é o Talian.

A base fundamental do estudo em questão é analisar a realidade linguística dos informantes residentes na colônia velha no Rio Grande do Sul e na colônia nova, em Santa Catarina, correspondendo aos filhos e netos de imigrantes. Assim sendo, buscamos fazer um estudo comparativo entre esses dois grupos, em relação a localização e as línguas em uso. Dessa forma, destacamos que no Rio Grande do Sul nossos pontos de pesquisa são: Boa Vista do Sul e Coronel Pilar. Como uma representante da família migrou para a região oeste de Santa Catarina, mais precisamente, para Faxinal dos Guedes, onde constituiu família, este é nosso segundo ponto de pesquisa.

Como objetivo geral, visamos verificar se houve a manutenção ou a substituição da língua desse grupo étnico. Desse modo, sinalizamos duas direções sobre os fatores de manutenção, a primeira é por meio da valorização da língua, essa que envolve o rompimento contra o preconceito linguístico que as permeia, uma vez que a dificuldade aumenta quando a língua é minoritária, ou seja, é falada por um grupo menor de pessoas. Já a segunda direção é a construção da identidade, sendo esse um sentimento hereditário dos grupos étnicos. Além disso, como aborda Krug (2004), Krug e Horst (2015) esse fator é conectado com as culturas, costumes, tradições, sobrenome, entre outros. Cabe destacar que a identidade está fortemente ligada com a língua dos indivíduos.

Já ao que refere-se à substituição, tem-se como hipótese a convivência com as novas pessoas, a formação das novas colônias, uma vez que a sociedade encontra-se em constantes transformações, as quais são geradas pelos aspectos sociais e econômicos. Neste caso, tem-se as políticas monolinguizadoras que influenciam diretamente na substituição de uma língua, como por exemplo, observa-se durante a Era Vargas, a qual obrigou os cidadãos a falarem somente o português (Campos, 2006).

Para a efetivação do objetivo geral proposto, desdobramos o trabalho em objetivos específicos sendo eles: 1) identificar a partir da língua a identidade como sentimento hereditário 2) inferir até que ponto nas políticas monolinguizadoras afetam no uso da língua dos informantes. 3) analisar a manutenção e a substituição a partir das dimensões: o cerne da pesquisa é a dimensão diatópica (localização geográfica), porém as demais também são analisadas, as quais são: diastrática (classe social), diageracional (faixa etária),

diagenérica (gênero), destacamos que essas dimensões tem suma importância para a efetivação da pesquisa e no desenvolvimento de uma análise comparativa.

Posterior aos objetivos, expomos as justificativas que suscitaram nossa pesquisa, tendo em vista que o objeto de estudo advém de fatores pessoal e familiar. Da mesma maneira, buscamos compreender os movimentos de uma língua, os quais resultam em sua manutenção e substituição. Além disso, a pesquisa vem colaborar com a carência de estudos na área da descrição das línguas.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram abordados os seguintes autores: Campos (2006), Krug (2004), Krug e Horst (2015) Hall (2011), Oliveira (2000), Pertille (2009), Radin (2001), Boni (1990), Thun (2005), Signorini (1998) que demonstram que esse período de adaptação e de inclusão de uma nova língua, foi uma época ressentida por diversos fatores, os quais serão elucidados com maior detalhamento no decorrer do artigo.

Sobre a metodologia aplicada na coleta de dados, destacamos que a coleta e a seleção dos informantes foi realizada com uma família ítalo-brasileira. Desse modo, essa pesquisa considerou as seguintes dimensões: diatópica (tendo como pontos: Boa Vista do Sul, Coronel Pilar, no Rio Grande do Sul e em Faxinal dos Guedes, Santa Catarina). Salientamos que antes das cidades receberem esses nomes: Boa Vista do Sul e Coronel Pilar, pertenciam à Garibaldi e, Faxinal dos Guedes, pertencia à Chapecó. A dimensão Diageracional <sup>4</sup>(G I [de 17 a 45 anos], GII ([de 71 a 84 anos] ), diassexual (masculino e feminino), diastrática Ca (Classe Alta [cursando o ensino superior ou completo] ) e Cb ( [ Classe Baixa] escolaridade até o ensino fundamental).

Sobre a estrutura do artigo, temos na primeira parte uma abordagem sobre a manutenção e a substituição de uma língua, incluso os fatores e hipóteses que proporcionam esses dois caminhos, os quais já foram pautados sutilmente. Já na segunda parte, contextualizamos a pesquisa abordando a presença italiana no Brasil com enfoque na região Sul, buscando descrever as localidades em que realizamos a coleta.

---

<sup>4</sup> Adaptado de Thun, o qual aborda essas faixas etárias: 18-36 anos, 55 ou mais. Adaptamos devido à situação que se apresenta a pesquisa.

A metodologia da pesquisa é exposta na sequência do artigo e apresenta as dimensões analisadas, assim sendo, descrevemos como ocorreu a escolha dos informantes, bem como efetuamos a transcrição e sistematização dos dados. Na penúltima parte do artigo, apresentamos a análise dos dados coletados. E por fim, são expostas as conclusões da pesquisa.

## **1 MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO DA LÍNGUA**

As línguas sofrem constantes modificações, logo não são estáticas, ao percorrer seu caminho natural. Desse modo, ao estarem vivas sofrem alterações naturais por meio do espaço e dos indivíduos ao qual pertencem. Neste processo, as línguas sobrevivem de geração para geração, ou acabam sendo substituídas, por diversos fatores.

Cada fator é individual, porém quando conectado com outros fatores apoia, transforma e altera a língua. Conforme Pertille (2009), “fatores constituem e estabelecem feixes de relações que se entrecruzam, se articulam em teias, em redes construídas individualmente e socialmente, em permanente processo de atualizações” (PERTILLE, 2009, p. 61).

Segundo Fishman (1972 apud PERTILLE, 2009, p. 64) “[...] o estudo da manutenção e substituição depende da relação entre a mudança dos padrões de uso da língua e processos psicológicos e culturais correntes em populações que utilizam mais de uma variedade de fala”. Desse modo, é notável que a substituição e a manutenção dependem de fatores como processos psicológicos individuais e correntes culturais, normalmente isso ocorre em indivíduos que falam duas línguas, ou seja, são bilíngues<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Definimos o termo Bilinguismo segundo Mackey: “Além disso, devemos incluir o uso não apenas de duas línguas, mas de vários idiomas. Portanto, devemos considerar o bilinguismo como o uso alternativo de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo.” (MACKEY, 1972. P. 554)

## 1.1 A identidade como um fator de manutenção

Nesta seção do artigo explanamos a construção de identidade visando-a como um fator de manutenção da língua. Dessa forma, abordamos como a identidade tem relações e de como as mesmas são manifestadas através da fala, dos costumes, das tradições, das festividades, da culinária, das construções, entre outros elementos extralinguísticos.

As expressões culturais parecem, por vezes, dispensar a língua, quando, por conseguinte as substituem. Como exemplos, apresentados por Krug (2004) e Krug e Horst (2015), dessas substituições têm-se as identificações que normalmente são divulgadas em ambientes mais privados, como a promoção de eventos, encontros familiares e até mesmo o próprio nome da família.

As identificações ocorrem com frequência com o auxílio da mídia. Essas identificações estão presentes nos estilos arquitetônicos próprio de cada povo, na culinária, nas festas tradicionais e em paisagens turísticas. Dessa forma, a quantidade de fatores ligados com a questão da identidade é vasto. Desse modo, podemos abordar que a identidade não é algo estável, visto que se forma por um processo na esfera individual e se expande na esfera coletiva.

As esferas contribuem diretamente na construção de significados e sentidos. Além disso, a identidade é construída aos poucos no indivíduo. Uma vez que a construção da identidade ocorre por meio das experiências vividas dentro e fora do grupo no qual o sujeito está inserido. Cabe salientar, que a identidade sofre construções e desconstruções constantes. Além disso, é a partir da identidade que verificamos até que ponto os indivíduos apresentam semelhanças ou não com os outros.

No que tange a respeito da identidade, Hall (2011, p.108), apresenta que “[...] as identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência [...]”. Dessa forma, é notável que as identidades permitem uma continuação de acordo com os novos propósitos apresentados pela sociedade.

## 1.2 Identidade/ etnicidade e as suas composições

O papel da língua na construção de identidade é fundamental, mas quando abordamos o tema identidade outros fatores conectam-se diretamente ou indiretamente com o mesmo, como por exemplo, os costumes, tradições, hábitos, entre outros. Além disso, quando abordasse o termo identidade normalmente o mesmo vem acompanhado do termo étnico o qual segundo Signorini (1998) é variado, mas que apresenta elementos sociais de um indivíduo.

[...] O simples fato de que a aparente neutralidade do termo 'étnico' (do grego *éthnos*, 'nação', daí o significado: 'aquilo que está relacionado a uma nação, a um povo') possa assumir significados tão radicalmente diferentes e incompatíveis, dependendo do contexto em que é usado, deveria nos alertar para a possibilidade de que alguma coisa esteja errada com o uso simplista do termo. O que é verdadeiro para o termo 'étnico' também cabe a 'étnia', a palavra que usamos para denotar a suposta identidade étnica. [...] (SIGNORINI, 1998, p. 73)

Nesta definição é notável que a língua conectada com os aspectos culturais desenvolve o papel formador da etnia e, além disso, o termo é usado para destacar a variedade de vários elementos dentro de um determinado grupo. Desse modo, cabe destacar, e reforçar que a língua não é o único elemento formador de identidade, mas que ela tem relação com as questões sociais e culturais, geradas por um sistema específico.

Posterior a isto, Signorini (1998) ainda destaca, que a língua além de se relacionar com a identidade relaciona-se com a personalidade, primeiro individual e em seguida coletiva. Essa circunstância se deve ao fato de que a língua é parte essencial da comunicação humana. E, além disso, a autora destaca que não é possível obter informações exatas do que constitui o ser humano, uma vez que o indivíduo é parte integrante da sociedade e parte isolada.

A língua se relaciona com a sociedade porque é a expressão das necessidades humanas de se congregarem socialmente, de construir e desenvolver o mundo. A língua não é somente a expressão da 'alma' ou do 'íntimo', ou do que quer que seja, do indivíduo; é, acima de tudo, a maneira pela qual a sociedade se expressa como se seus membros fossem a sua boca. (SIGNORINI, 1998, p. 76-77)

Segundo ela, nota-se que somos constituídos individualmente, mas também socialmente e que ambas as partes se conectam e de desconectam ao mesmo tempo e, ao tempo todo. Essa relação de conexão ocorre entre as reações de contato com o indivíduo para com outros indivíduos e com o indivíduo e a sociedade, ou seja, o meio que os cerca. Por fim, a identidade e suas composições podem ser consideradas um fator de manutenção da língua.

### **1.3 Apanhado histórico da política nacionalista na Era Vargas como um fator de substituição linguística.**

Nesta parte do artigo apresentamos a Era Vargas como um dos fatores que impulsionaram a substituição das línguas de imigração e de línguas minoritárias.

Campos (2006) apresenta que Nereu Ramos defendia em 1838 a política Nacionalista do Governo Vargas, porém em 1930 uma medida política extrema foi implantada pelo projeto nacionalista do governo ditatorial de Getúlio Vargas. Essa medida tinha como objetivo criar uma unidade nacional, onde todos deveriam falar português.

A imposição da língua portuguesa era direcionada para uma parcela de imigrantes que chegavam ao sul do Brasil, essa determinação ocasionou um impacto entre as línguas. A nacionalização do ensino tinha o objetivo de criar um perfil único, mas acabou em adesões e recusas.

No período de 1930 e 1940, a preocupação com a essa medida governamental era evidente, pois ela ocorria nas relações familiares como associações de cunho social e esportivo. De um lado os governantes exigiam a implantação da língua nacional, de outro lado os imigrantes não respeitavam as exigências governamentais, neste sentido Campos (2006, p.18) destaca o

[...] porque a maioria dos grupos ainda pertencia ligada social, cultural e emocionalmente ao país de origem, persistindo no uso da língua materna. Outros grupos, apesar das tentativas de uso da língua nacional em suas próprias práticas cotidianas, não conseguiram expressar sentimentos e emoções íntimas em português. (CAMPOS, 2006, p. 18)



Dessa forma, é perceptível que os imigrantes, ao tentar falar a língua portuguesa, não conseguiam expressar suas emoções, uma vez que a dificuldade era muito elevada. Nesta tentativa frustrada alguns aprenderam o português, enquanto outros optaram por ficar calados. Segundo Campos, “[...] mesmo além das fronteiras do país de origem, haveria ligações sentimentais, laços afetivos e lembranças emotivas da terra [...]” (CAMPOS, 2006, p. 29).

Além da dificuldade de expressar seus sentimentos, a questão da identidade era algo muito forte para os imigrantes. Já que a identidade vai muito além de algo singular, em razão de ser construída, ainda que individualmente, dentro do coletivo, ou seja, além da identidade singular de cada indivíduo, o grupo possui uma identidade coletiva, única.

Dentre os quesitos apresentados anteriormente, manter a língua materna em meio ao caos provocado pelos novos referenciais impostos pelo governo Vargas, foi uma forma de patriotismo ao seu país originário. Além do mais, alguns laços de amizade permaneceram, bem como a solidariedade e a fraternidade, foram formas de manter seus costumes e suas culturas.

Por fim, notamos que a língua ultrapassa a fala, pois a língua é identidade, cultura, costumes e tradições, ou seja, a língua é poder. Essas noções constituem o elo fundamental que determinava a conexão de um imigrante ao outro, uma vez que a língua seria o elemento essencial para mantê-los unidos e para muitas vezes unir-se com outros imigrantes.

## **2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA**

O enfoque da pesquisa visa analisar a manutenção e/ ou a substituição de uma língua dentro de uma família ítalo-brasileira. Desse modo, torna-se fundamental a abordagem do contexto no qual a pesquisa efetuou-se. Primeiramente apresentamos a vinda dos italianos para o Brasil, expondo suas diferenças e suas territorializações, as quais foram realizadas pelos imigrantes em questão. Dessa forma, merecendo ênfase o contexto Sul do Brasil, principalmente os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, e mais especificamente as localidades de Boa Vista do Sul/RS e Coronel Pilar/ RS, que representam um ponto de pesquisa e Faxinal dos Guedes/SC, as quais

são o cerne da pesquisa. Cabe destacar que a distância entre os pontos é de aproximadamente 480 quilômetros<sup>6</sup>.

## 2.1 Presença italiana no Brasil

Os italianos enfrentaram uma crise na Itália e isso fez com que houvesse a sua saída do país em busca de condições econômicas melhores, e até mesmo uma qualidade de vida mais favorável. Cabe destacar, que o Brasil, ou melhor, as jogadas políticas possuíam ofertas atraentes para esses imigrantes, fato esse que fez com que os italianos tivessem como destino o Brasil.

A preocupação primordial do governo e dos grandes proprietários, na época da grande imigração italiana, era garantir a mão- de- obra nas fazendas de café de São Paulo, ameaçadas de paralisia pela campanha abolicionista. Nesse contexto foram fundadas as colônias italianas no Rio Grande do Sul. Os imigrantes italianos, que as ocuparam, sofreram, durante muitos anos, as consequências dessa política. Abandonados pelo próprio país natal e pelas autoridades brasileiras, procuraram reconstruir, em meio a floresta virgem, as marcas da sua identidade cultural.” (MANFROI, 1975, p. 13).

Dessa forma, as colônias italianas, as quais chegaram depois das alemães, inicialmente eram rurais mantinham somente a agricultura de subsistência, conforme destaca Renk “o campesinato local, os colonos italianos na sua maioria, ocupavam áreas minifundiárias em exploração familiar” (RENK, 2006,p. 16). Enquanto as colônias alemãs, por estarem a mais tempo inseridas neste meio, que era a zona rural, também já estavam se instalando nos centros urbanos. Cabe destacar, que as colônias alemãs rurais tinham a subsistência como marca da agricultura, mas caminhavam para o desmatamento e expansão de terras.

Sob o ponto de vista sociológico, os elementos que os imigrantes trouxeram para as regiões brasileiras, em específico Rio Grande do Sul e Santa Catarina, Espírito Santo, São Paulo. Cabe destacar, que o principal elemento da bagagem dos imigrantes foi à língua e sabe-se que a dificuldade de mantê-la foi/ é enorme devido os fatores internos e externos existentes nas comunidades, além dos fatores políticos e econômicos que serão apresentados na sequência.

---

<sup>6</sup> Dado coletado através do mapa rodoviário.

Sob o ponto de vista sociológico, o primeiro elemento da bagagem cultural de que o imigrante se desfaz é o sistema lingüístico de comunicação. Isto, por um princípio muito simples que popularmente se traduziria em “outro país, outra língua”. Se, ao contrário, o sistema lingüístico próprio do imigrante é conservado, a realidade social em que vive deve apresentar características peculiares que permitam essa conservação. De fato, em certas áreas do Brasil houve e perduram características históricas-sociais específicas que permitiram não só a manutenção do sistema lingüístico próprio do imigrante por largo espaço de tempo, bem como sua transmissão que perdura até hoje. Esse fato poderia ser interpretado como falha de inserção na comunidade brasileira ou retardamento do processo de aculturação. Pode ser verdadeiro, mas tal fenômeno pode ser visto também como um processo de reaculturação, ou seja, enquanto o imigrante busca sua interação cultural em outro país, procura também conservar e enriquecer a bagagem cultural que consigo trouxe. (BONI, 1990, p. 596)

Dessa forma, segundo Radin (2001) a chegada dos imigrantes na região do Rio Grande do Sul aconteceu no quartel do século XIX, na região nordeste do estado, o autor destaca “esta região, composta por serras e vales, acolheu aproximadamente cem mil italianos, em sua maioria agricultores pobres” (RADIN, 2001, p. 45). Desse modo, é notável que os italianos buscavam essas terras com intuito de obter liberdade, um espaço para trabalhar com o objetivo de obter lucros, bem como tinham uma perspectiva de um futuro melhor.

O Oeste Catarinense, segundo Radin (2001), esteve por muitos anos sem ser explorado, foi somente no século XVII e início do século seguinte que as terras passaram a ser explorada pelo homem branco. Desse modo, os “primeiros conquistadores ocuparam as áreas de campo, transformando-as normalmente em grandes fazendas, voltadas para a atividade de criação.” (RADIN, 2001, p. 19)

A vinda dos descendentes italianos para essas terras até então não exploradas era motivada pelo seu preço conforme ilustra Renck (2004) “a migração dos colonos do Rio Grande do Sul ao Oeste Catarinense foi uma estratégia de reprodução social camponesa, possibilitando-lhes adquirir terras a preço mais razoável” (RENCK, 2004, p. 20).

Além disso, os imigrantes conseguiram adquirir terras com preços razoáveis, porém era uma quantidade pequena. Nesta terra, tinham foco na produção gado e lavoura, inicialmente para consumo próprio da família e somente mais tarde a pecuária se tornou uma atividade comercial. Antes dessa

prática se tornar atividade comercial, havia a troca de produtos com vizinhos. Cabe ressaltar que, essa prática é utilizada ainda hoje nas comunidades rurais.

No decorrer do tempo, os descendentes europeus foram se instando nas áreas, e tornando as férteis de modo que, conseguissem sobreviver e obter lucro em suas terras, até chegar ao momento atual. Cabe destacar, que nessa trajetória muitas pessoas morreram em conflitos.

## **2.2 Descrição das localidades**

A pesquisa ocorreu nas cidades de Boa Vista do Sul/RS, Coronel Pilar/RS e Faxinal dos Guedes/SC. Destacamos que no estado do Rio Grande do Sul, a pesquisa efetivou-se nas cidades de Boa Vista do Sul e Coronel Pilar, destaca-se que pertenciam originalmente ao município de Garibaldi.

Boa Vista do Sul, segundo o censo de 2010, possui 2.776 habitantes <sup>7</sup>, este município localiza-se na região nordeste do Rio Grande do Sul. Como abordado anteriormente, o local em questão pertencia a Garibaldi, mas também a Barão que, por anos lutou para ter sua emancipação política e econômica, conquistada em outubro de 1995. Antes da emancipação, o município recebia o nome de Boa Vista com a emancipação acrescentou-se do Sul, então a cidade chamou-se Boa Vista do Sul, pelo fato de representar, pelo nome, as belas paisagens ao longo do seu território.

Já à economia do município, esta provém em maior proporção, da avicultura que segundo o IBGE é o segundo do Rio Grande do Sul com maior produção de aves de corte. Além disso, destaca-se que além das pequenas propriedades rurais, além da avicultura, a economia também gira em torno da viticultura, suinocultura, plantação de milho, cebola, batata, entre outros.

Coronel Pilar é um município que recebeu um número elevado de imigrantes italianos. No que tange a sua economia, grande proporção, é baseada pelo cultivo de videiras. Atualmente, segundo o IBGE de 2010<sup>8</sup>, a cidade possui 1.725 habitantes.

---

<sup>7</sup> Destaca-se os dados apresentados no site do IBGE disponível no site do mesmo <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/boa-vista-do-sul/panorama>.

<sup>8</sup> Disponível no site <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/coronel-pilar/panorama>, destaca-se que são os dados mais recentes encontrados.

Além de a língua italiana ser falada por alguns habitantes que residem na localidade, cabe destacar, as construções desses imigrantes, principalmente a igreja, a qual demonstra a importância da fé e da religião católica para os habitantes. Além do mais, a igreja possui um estilo gótico que desperta olhares curiosos e fascinantes das pessoas que não são das proximidades.

Já a cidade de Faxinal dos Guedes localiza-se no Oeste Catarinense, que, em 1910, recebia o nome de “Gramado de Joaquina Rosa” e pertencia ao município de Chapecó. No início, os habitantes dessa área eram indígenas, somente em 1940 iniciou a chegada dos imigrantes italianos e alemães estes que vinham do Rio Grande do Sul.

Ao que se refere à economia do município, está é formada por uma indústria de papel, e indústrias agropecuárias, além disso, conta com a produção de grãos, já que possui um território rural maior que o urbano. Além disso, a cidade possui 10. 196 habitantes, segundo dados do IBGE de 2007<sup>9</sup>.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com Thun (1998 e 2005), a dialetologia Pluridimensional é a ciência da variação linguística, sendo ela uma área da sociolinguística que analisa várias dimensões. Além do mais, esta ciência visa verificar/analisar as diferentes variáveis extralinguísticas (dimensões) nas distintas comunidades de fala.

Dessa forma, a metodologia da pesquisa em questão seguirá os pressupostos teórico-metodológico da Dialetologia Pluridimensional, mantendo enfoque nas dimensões: diageracional (dimensão que trabalha com gerações distintas), diasssexual (manifestação do sexo dos informantes, neste caso, feminino e masculino) e diarreferencial (considerando a análise dos comentários metalinguísticos apresentados, através das respostas obtidas por meio do questionário.

Ressaltamos que as questões aplicadas são parte do questionário do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF) (Krug, 2013). Desse modo,

---

<sup>9</sup>Disponível no site <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=33660&view=detalhes>, destaca-se que são os dados mais recentes encontrados.

por meio de uma conversa livre com perguntas semi dirigidas e com respostas objetivas obteve-se os dados. Além disso, ressaltamos que todas as entrevistas foram gravadas com a permissão dos informantes.

As entrevistas aconteceram com um total de doze informantes, estes de uma mesma família localizados a 480 quilômetros de distância entre um ponto à outro, como já abordamos, um ponto é no nordeste do Rio Grande do Sul, nas cidades de Coronel Pilar e Boa Vista do Sul e o outro ponto de coleta localiza-se no oeste de Santa Catarina, mais precisamente na cidade de Faxinal dos Guedes. Elucidamos que um dos critérios para participar da pesquisa era que os informantes fossem desta família ítalo-brasileira e logo, deveriam residir nas localidades em questão. Além disso, com essa dimensão diatópica foi possível efetuar um estudo comparativo entre os pontos de coleta.

Ao que se refere à faixa etária dos informantes, também denominada de dimensão diageracional, Destacamos que ela está dividida em duas faixas etárias: Geração I, dos novos (de 17 a 45 anos) e Geração II, dos velhos (de 71 a 84 anos). Além disso, destacamos que a geração nova constitui a geração de netos de imigrantes, enquanto a geração mais velha compõe a geração de filhos de imigrantes no Brasil. Por fim, esta dimensão possibilita um estudo comparativo das gerações, as quais apresentam uma distância de tempo relativa.

Sobre a dimensão diagenérica, também chamada de diassexual, que se refere ao sexo dos informantes. Trabalhamos com informantes do sexo masculino e feminino, sendo sete mulheres e cinco homens. De forma mais detalhada, na GI no Rio Grande do Sul obteve-se dois informantes do sexo masculino, já em Santa Catarina tivemos três. Desse modo, os demais informantes da GI são do sexo feminino, sendo que dois se localizam no Rio Grande do Sul e um em Santa Catarina. Já na GII todos os informantes são do sexo feminino e residem no Rio Grande do Sul, enquanto que em Santa Catarina não temos informante desta classe, pois somente uma pessoa dessa geração veio para esse estado, e, acabou falecendo antes da realização da entrevista. Portanto, esses aspectos refletem nas análises, de modo que é possível perceber traços semelhantes e distintos entre eles.

Outro aspecto analisado foi a dimensão diastrática, a qual busca traçar um estudo referente ao nível de escolaridade dos informantes, ou seja, não leva-se em consideração a sua classe econômica. Desse modo, nesta pesquisa temos as classes Ca e Cb, a primeira corresponde a informantes que estão cursando o ensino médio ou superior, ou que já os concluíram. Logo, na segunda classe, a Cb, temos informantes que possuem somente o ensino fundamental.

No que tange a pesquisa, por mais que efetuamos dentro de um mesmo grupo étnico, tivemos algumas exceções. Primeiramente abordamos que em Santa Catarina não tivemos informante na GII, como abordado de forma breve, por dois motivos, o primeiro é que dentro dessa família só uma pessoa veio fixar suas raízes no solo catarinense. O segundo motivo é que o mesmo acabou falecendo antes de ser entrevistado. Por isso, é notável que diante dessas evidências fica impossível realizar dentro dessa geração uma pesquisa mais detalhada e com aspectos comparativos mais precisos.

Durante a viagem para a realização da coleta de dados uma das informantes da CbGII-F de Boa Vista do Sul, relatou que uma única irmã que buscou fixar suas raízes em solo catarinense enquanto, seus irmãos e irmãs ficaram em solo gaúcho. A fixação de suas raízes em Santa Catarina aconteceu pelo fato de que as terras possuíam um valor menor e eram consideradas mais produtivas. Quanto mais mato houvesse sobre a terra, mais fértil ela era considerada. Conforme Renk

O pioneiro o seu descendente sempre falará que o preço da terra no oeste catarinense era baixo se comparado ao Rio Grande do Sul. Além disso, o solo do Rio Grande do Sul é apresentado como de baixa qualidade, desgastado pelas técnicas de queimadas e pelo uso intensivo. Enfim, a “terra magra” do Rio Grande do Sul opondo-se a “terra boa” de Santa Catarina” (RENK, 2006, p. 7)

Quanto à CbGII no Rio Grande do Sul, todos os informantes compõem a geração de filhos de imigrantes, também todos são irmãos, exceto uma informante que é cunhada dos demais entrevistados, faz parte da família, mas não de laço sanguíneo. Essa informante foi selecionada, pois era casada com o único homem, ou seja, o único filho de imigrantes italianos no Brasil dessa família, além disso, conviveu com seus sogros, os quais vieram da Itália,

conforme ilustramos com a fala da informante CbGII- F de Boa Vista do Sul, Rio Grande do Sul.

*Mei padres deste anni di Italia propria. Hooo ... si, si ze vegnesti di italia. Hooo... fioi de Dio! Pupá e mammá<sup>10</sup> la zo, quanti anni poreti. Si è, vê di Italia cara. Eeee... fioi de Dio poretos<sup>11</sup>*

Por isso, diante dessas evidências e dessas possibilidades, buscamos, entrevistá-lo, uma vez que só teria a contribuir com a pesquisa, assim como os demais informantes.

Além disso, destacamos que as entrevistas foram gravadas e também foram registradas por escrito, no questionário impresso, o qual estava presente no momento das entrevistas. Ademais disso, as entrevistas tiveram datas e horários agendados antecipadamente e foram efetuadas na residência dos informantes, quando possível houve pluralidade simultânea<sup>12</sup>, destacamos que esse fato ocorreu somente em uma das entrevistas, sendo que as demais foram realizadas individualmente.

Por fim, destacamos que os dados coletados ficarão em um banco de dados disponíveis para análises futuras, uma vez que, nem todos os dados foram utilizados nesta pesquisa, pois, optamos por um recorte neste artigo.

#### **4 ANÁLISE DOS DADOS**

Nesta sessão do artigo descrevemos e analisamos os dados coletados por meio da aplicação do questionário do ALCF<sup>13</sup>, com adaptações necessárias. Depois de coletados os dados, os resultados foram analisados. Isto posto, as análises ocorreram primeiro de modo individual, e, depois, por localidades. E por fim, os dados foram analisados em conjunto entre todos os informantes.

---

<sup>10</sup> O termo pai e mãe utilizados aqui se referem aos seus sogros, a informante relatou em uma conversa que os seus sogros gostavam que se dirigissem a eles chamando de pai e mãe.

<sup>11</sup> Tradução: Meus pais desses anos era de Itália própria. Hooo... sim, sim, vieram da Itália. Ho.. filho de deus. Pai e Mãe lá embaixo, quantos anos pobrezinhos! Sim, é, vieram da Itália querida! Heee filhos de deus pobrezinhos.

<sup>12</sup> Juntaram-se dois informantes, um do sexo feminino e um masculino, ambos da mesma classe, afim de realizar a entrevista juntos. Modalidade prevista por (Thun, 2005)

<sup>13</sup> KRUG (2013)



Ressaltamos que foram coletados dados de doze informantes sendo que oito residem no Rio Grande do Sul, destes (4) compõe a CbGII e os demais quatro compõe a CaGI. Enquanto que em Santa Catarina coletamos os dados de quatro informantes e estes compõem a GI, sendo (3) da CbGI e (1) da CaGI.

No primeiro momento, as perguntas permitiam ao informante a responder sobre que língua utiliza, italiana (It.), o português (Pt.), ou ambas utiliza em dados lugares. Na sequência, possibilitaram que o informante respondesse afirmativa ou negativamente às questões, além de fazer comentários metalinguísticos. Por fim, realizamos perguntas referentes aos termos de parentesco, e estas exigiam do informante só apresentar que termo utiliza para caracterizar a pessoa em questão.

Logo, os dados do questionário forneceram resultados para constatar o grau de manutenção e substituição de uma língua, no caso a língua italiana inserida em uma família Ítalo- brasileira.

**Quadro 1:** Aspectos (meta)linguísticos (KRUG, 2013)

Nº da questão	Perguntas
1	Que línguas costuma falar na família?
4	Em que língua você costuma falar mais? Por quê?
6	Quando vem visita, que língua prefere usar? Por quê? Exemplifique.

30	Em que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município?
30.1	No correio
30.2	No mercado
30.3	Nas lojas
30.4	No sindicato
30.5	No restaurante
30.6	Na prefeitura

30.7	No posto de saúde
30.8	Com o padre/ pastor
30.9	Nas festas e nos bailes
30.10	No confessionário
30.11	No posto de gasolina
30.12	No trabalho
31	Se você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?

**Quadro 2:** Resultados individuais das questões referentes aos aspectos (meta)linguísticos.

Responderam It. (●) Responderam Pt. (○) Responderam ambas It. e Pt (◐) Não responderam (-)												
RIO GRANDE DO SUL								SANTA CATARINA				
Nº da questão	BOA VISTA DO SUL/RS		CORONEL PILAR/RS			FAXINAL DOS GUEDES/SC						
	CaGI	CaGI	CbGII		CbGII	CbGI	CaGI	CbGI	CbGI			
	M	F	M	F	F	F	F	F	F	M	M	M
1	◐	○	◐	◐	●	●	●	◐	●	○	◐	○
4	○	○	○	○	●	●	●	●	○	○	○	○
6	◐	○	○	◐	◐	◐	◐	●	◐	○	◐	○
30.1	○	○	○	○	●	●	●	○	○	○	○	○

30.2	●	○	○	○	●	●	●	○	○	○	○	○
30.3	○	○	○	○	●	●	○	○	○	○	○	○
30.4	-	○	○	○	●	●	●	○	○	○	○	○
30.5	●	○	○	○	●	●	○	○	○	○	○	○
30.6	○	○	○	○	●	●	○	○	○	○	○	○
30.7	●	○	○	○	●	●	●	○	○	○	○	○
30.8	○	○	○	○	●	●	●	○	○	○	○	○
30.9	●	○	○	○	●	●	●	○	○	○	○	○
30.10	○	○	○	○	●	●	●	○	○	○	○	○
30.11	●	○	○	○	●	●	-	○	○	○	○	○
30.12	○	○	○	●	●	●	○	○	○	○	○	○
31	○	○	○	-	●	●	-	-	○	○	○	○

Fonte: dados do ALCF, coletados por FROZZA (2019).

A partir da aplicação do questionário apresentado no quadro 1, detalhamos as respostas individuais de cada entrevistado, descritas no quadro 2. Dessa forma, buscamos analisar a percepção e a utilização referente ao uso da língua dos informantes. Desse modo, percebemos que de acordo com os dados (questão 1) que somente três dos quatro informantes da CbGII falam a *lt.* com suas famílias. Enquanto três informantes da CaGI de Boa Vista do Sul/RS utilizam ambas das línguas, ou seja, a (Pt.) e a (lt.) para comunicar-se com suas famílias, em Santa Catarina dois informantes da CaGI falam as duas línguas com a família. Desse modo, três de doze informantes falam somente a língua portuguesa com suas famílias. Portanto, percebemos aqui em comparação entre GII e GI, que os informantes da GII utilizam mais a *lt.* do que *Pt.*, cabe destacar, que existe uma distância significativa de tempo entre às gerações.

Ao serem questionados em qual língua costumam falar com maior frequência (questão 4), oito dos doze informantes relataram que utilizam a *Pt.* com mais frequência. Já os quatro informantes da CbGII responderam que costumam falar com maior frequência a *lt.*, pois segundo as informantes foi a primeira língua que aprenderam.

Logo, a CbGII tem o maior número de falantes de *It.*, pois a língua em questão foi sua primeira língua, ou seja, é a língua materna dos informantes. Além disso, os informantes desta classe relataram que tiveram aula com professores que falavam a *It.*, a escola segundo Pertille (2009) é um fator de manutenção. Além disso, os informantes relataram que na igreja também era usado essa língua. Como observamos na fala do informante da CbGII- F de Boa Vista do Sul/ RS:

Na escola e na igreja se parla sempre o italiano. Silvera Martins era il maestro che savea, andea beber chimarrão la matina, onde se instalava la scola andea beber chimarrão con la famiglia... Ele me soltava pro recreio e ia tomar chimarrão na casa do Augusto Migelon.<sup>14</sup> (CbGII –F- Boa Vista Do Sul/ RS.)

Outro informante da CbGII- F de Boa vista do Sul/RS destaca:

Tinha uma professora que só falava italiano. Se ia na aula ela mande far pasto, invece de ficar ali estuda, eu ia imagina, era melhor do que fica ali. Me dava conta de faze, eu levava e era errado, porque eu não sabia faze conta. Então tinha uma amiga que sentada na frente eu copiava dela chió. Copiava certo, eu nunca aprendi nada. Le, um pouquinho só. Italiano não sei ler. Na igreja falava só italiano, era na época dos coroinhas. El padre se egenochea, el coroinha le tirea su le veste. Quando vo no médico tem que vim ela junto<sup>15</sup>, porque eu não entendo essas coisas.<sup>16</sup> (CbGII –F- Boa Vista Do Sul/ RS.)

Já nos informantes que falam *Pt.*, ou ambas abordam que a questão profissional implica na manutenção de uma língua como é visível na fala do informante da CaGI-M de Boa Vista do Sul/RS:

Português, pela minha profissão, principalmente por isso.  
(CaGI-M - Boa Vista do Sul/RS)

<sup>14</sup> Tradução Juraci Maria Sfreddo: Na escola e na igreja se fala sempre o italiano. Silvera Martins era o professor que sabia ia tomar chimarrão de manhã, onde ficava a escola se ia tomar chimarrão com a família.... Ele me soltava pro recreio e ia tomar chimarrão no Augusto Migelon.

<sup>15</sup> A informante se refere a sua nora que estava no seu lado.

<sup>16</sup> Tradução de Juraci Maria Sfreddo: Tinha uma professora que só falava italiano. Se ia na aula ela mandava cortar pasto, ao invés de estudar, eu ia, imagina! Era melhor que ficar aí. Ela me dava conta para fazer eu levava e era errado porque eu não sabia fazer conta. Então tinha uma amiga que sentava na frente eu copiava dela “chió”. Copiava certo, eu nunca aprendi nada, ler um pouco só. Em italiano não sei ler não. Na igreja falava só o italiano, era na época dos coroinhas. O padre se ajoelhava e o coroinha tirava as vestes. Quando vou ao médico tem que vir ela junto porque eu não entendo essas coisas.

Ao serem questionados sobre qual língua utilizam quando vem visita na casa (questão 6), os informantes relataram que depende a visita, desse modo percebemos que sete informantes utilizam somente ambas as línguas e adaptam-se a língua da visita. Já os demais (quatro) informantes utilizam somente *Pt.* para falar com suas visitas, estes disseram que conseguiriam entender, mas que talvez não conseguissem falar tudo em *It.* E somente uma informante, de quatro, da CbGII /RS utiliza *It* com as visitas.

Na sequência, ao serem questionados sobre a língua que utilizam em diferentes ocasiões em seus respectivos municípios (questões 30.1 até 30.12) percebemos que nove dos doze informantes utilizam *Pt.* no correio. Os demais, três informantes, ambos da CbGII /RS, utilizam *It.* para comunicar-se no local em questão.

O informante da CaGI /RS utiliza ambas as línguas para comunicar-se no mercado, pois relatou que pode encontrar um amigo, um parente ou alguém que conhece e que fale *It.* Por outro lado, oito informantes relataram que usam *Pt.* no local em questão. Os demais, três, informantes, ambos da CbGII/ RS fazem uso somente de *It.*

Nas lojas, dos doze informantes somente dois, ambos da CbGII/ RS falam *It.*, os demais (dez) fazem uso de *Pt.*. Já no sindicato, um informante da CaGI/ RS não frequenta o local, enquanto os oito informantes falam *Pt.*, e, por fim, três informantes falam *It.* Em um restaurante, um informante fala ambas as línguas, três informantes falam *It.* e os demais (nove) falam *Pt.*

Na prefeitura, dez informantes falam *Pt.* e somente dois da CbGII fazem uso de *It.* . Analisamos que no posto de saúde dois informantes falam ambas as línguas, dois falam somente *It.* e os demais (oito) fazem uso de *Pt.*

Depois, ao serem questionados em que língua falam com o pastor/ padre, dois informantes relataram que falam somente *It.*, nove falam *Pt.* e um informante que fala ambas. Como proposto por Pertille (2009) “a religião tem sido um fator determinante da manutenção” (PERTILLE, 2009, p. 102) é o que ilustramos com a fala da informante da CaGII-F de Boa Vista do Sul/ RS.

Português as vez, depende de onde ele é, italiano também, né!  
(CaGII-F Boa Vista do Sul/ RS)

Neste aspecto podemos elucidar que a religião tem o papel fundamental nos processos de manutenção ou substituição de uma língua, como aparece nos estudos de Horst e Krug (2015) e Horst (2011), neste caso, favorece na manutenção. Cabe destacar que, durante a coleta de dados, em uma conversa informal com a família, uma das informantes da CbGII, de Boa Vista do Sul, relatou que na semana anterior a família foi até a casa de um vizinho de noite para passear e realizar algumas orações já que havia a presença da santa que passa por toda a comunidade. Dessa forma, “a circulação da “santinha” entre colonos, reunindo-se à noite para as rezas, enquanto aguardavam a chegada dos demais convidados, é comum as mulheres cerzirem ou costurarem enquanto conversam.” (RENK, 2006, p. 96).

Diante dos fatos, é perceptível que alguns costumes sobrevivem apesar do tempo e das mudanças que permearam e ainda permeiam na sociedade, além disso, cabe destacar, que essa é uma prática comum dentro da religião católica.

Nas festas/bailes, um informante da CaGI/RS utiliza ambas as línguas para comunicar-se, oito informantes utilizam *Pt.* e duas informantes da CbGII/RS utilizam *It.*

Enquanto no confessionário, nove informantes relataram que usam *Pt.* e duas informantes da CbGII /RS utilizam *It.*. Já no posto de gasolina, um informante da CaGI/RS relatou que não frequenta o ambiente, enquanto duas informantes da CbGII de Boa Vista do Sul/RS fazem uso de *It.*, um informante da CaGI/RS faz uso de ambas as línguas, por fim, os demais (oito) utilizam *Pt.*.

Por fim, ao serem questionados sobre qual língua utilizam no ambiente de trabalho (questão 30.12), três informantes da CbGII/ RS utilizam *It.*, um informante da CaGI/RS utiliza a ambas as línguas e os demais (oito) fazem uso de *Pt.*

Na questão (31) dois informantes disseram que fazem uso de *It.* e os demais (sete) usam *Pt.*, três informantes relataram que não falam com estranhos, como podemos perceber na fala da informante da CbGII- F de Coronel Pilar/ RS:

Se, é pessoas estranha não se conversa (CbGII- F- Coronel Pilar/RS)

Aqui percebemos que a CbGII utiliza mais *It.* do que a GI nos lugares que foram perguntados. Além disso, analisamos que o informante da CaGI de Boa Vista do Sul/ RS em relação ao CaGI de Faxinal dos Guedes/SC, utiliza mais *It.*, pois, em diversas situações, ele faz uso de ambas as línguas *It.* e *Pt.* Enquanto o informante de Faxinal dos Guedes/ SC, só utiliza *Pt.* Por fim, cabe destacar que ambos são da mesma classe, ou seja, da GI, porém percebemos que um teve mais contato com a língua de imigração, enquanto o outro não teve tanta relação com *It.*

**Quadro 3:** questões sobre crenças linguísticas que possibilitaram respostas objetivas: *sim* ou *não* (KRUG, 2013)

Nº da questão	Perguntas
09	Já aconteceu de estar com alguém que sabia a língua de casa, no caso o italiano, mas persistia em falar em português?
25	Acha importante que os filhos aprendam o italiano dos pais?
27	Existem situações em que você tem vergonha de falar o italiano?
28	Acha que deveria ter o ensino do italiano nas escolas?

**Quadro 4:** Respostas individuais das questões objetivas sobre crenças linguísticas.

RESPONDERAM SIM (●) RESPONDERAM NÃO (○) NÃO RESPONDERAM (-)												
Nº da questão	RIO GRANDE DO SUL								SANTA CATARINA			
	BOA VISTA DO SUL/ RS				CORONEL PILAR/RS				FAXINAL DOS GUEDES/SC			
	CaGI		CaGI		CbGII			CbGII	CbGI	CaGI	CbGI	CbGI
	M	F	M	F	F	F	F	F	F	M	M	M
09	●	●	●	○	○	○	○	○	-	●	-	●
25	●	●	●	●	●	●	●	●	○	○	○	●
27	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	●
28	●	●	●	●	●	●	●	●	●	○	●	●

Fonte: dados do ALCF, coletados por FROZZA (2019).





46 Padrino												
Sántolo												
Padrinho	●	●	●	●	●	●	●		●		●	●
Dindo							●					
47 Madrina												
Sántola												
Madrinha	●	●	●	●		●	●		●	●	●	●
Padrinha					●							
Dinda							●					
48 Fiosso												
Figliocco												
Afilhado	●	●	◐	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Nome da criança			●									
49 Fiossa												
Figlioca												
Afilhada	●	●	◐	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Nome da criança			●									
60 Compare					●	●						
Compadre	◐	◐	●	◐	●		●	●	●	●	●	●
Padrinho	●	●		●								
Dindo	●			●			●					
61 Comare					●	●						
Comadre	◐	◐	●		●		●	●	●	●	●	●
Dinda	●	●		●			●			◐		◐

Fonte: dados do ALCF, coletados por FROZZA (2019).

A partir do quadro 5, obtivemos as respostas individuais sobre o uso dos termos de parentesco e espiritual. Desse modo, percebemos que dos doze informantes onze, de forma espontânea, utilizam o termo padrinho, ou seja, a variante em *Pt.* para caracterizar o homem escolhido pelos pais da criança. Ressaltamos que somente um informante fez o uso do termo dindo, outra variante em *Pt.*

Já com o termo madrinha, percebemos que dez dos doze informantes utilizam a variante em *Pt.* para definir a mulher escolhida pelos pais de uma

criança para o batizado. Enquanto outro informante da CbGII/RS utilizou o termo padrinha, e, por fim, um informante relatou que faz uso do termo dinda, outras duas variantes em *Pt.*

Na sequência, o termo de parentesco e espiritual utilizado para denominar a criança, neste caso um menino, foi denominado afilhado por dez de doze informantes. Enquanto um informante relatou que os padrinhos usam o nome da criança para chama-las, dessa forma por insistência e, depois de recordar, informou que utiliza o termo afilhado. Por fim, destacamos que as mesmas situações aconteceram com o termo afilhada.

Depois de analisado o termo afilhado (a) observamos um termo que gerou divergências no seu emprego, ou seja, no seu modo de uso. Dessa forma, a pergunta feita aos informantes foi a seguinte: “qual a relação do pai e do padrinho da criança batizada”. Após efetuar essa pergunta, três informantes relataram que fazem o uso do termo padrinho, alguns informantes relataram que usam esse termo para que os filhos aprendam. Também destacamos que esses informantes residem no Rio Grande do Sul.

Enquanto isso, sete informantes relataram fazer o uso de variantes em *Pt.*, como o compadre e para nomear a relação entre o pai e o padrinho da criança. Além disso, relataram que esse termo é usado para as relações construídas com os padrinhos de casamento. Conforme abordado anteriormente, ressaltamos que o uso desse termo proporcionou distintos questionamentos, além dessas relações já explicitadas. Em Santa Catarina, o termo compadre é usado entre amigos. Como ilustramos com o relato do informante da CbGI- M de Faxinal dos Guedes:

Alguns por amizade, brincadeiras pegou daí, e por respeito, as vezes de casamento também. (CbGI- M- Faxinal dos Guedes/SC).

Além disso, percebemos que o termo em questão aparece por insistência em três informantes do Rio Grande do Sul. Já dois informantes fazem uso de variantes em *It.*, como *compare*<sup>17</sup>. Destacamos que, os informantes que fazem uso desse termo são da CbGII- RS

---

<sup>17</sup> Tradução Juraci Maria Sfreddo: compadre

Na sequência, os informantes foram questionados sobre a seguinte questão: “Qual a relação entre a madrinha e a mãe do afilhado?”. Neste momento, analisamos que quatro informantes fazem uso do termo *dinda*, já dois informantes por insistência usa o termo *dinda*, e relataram que esse termo é recente.

Além disso, oito de doze informantes usam o termo *comadre*, enquanto dois por insistência fazem uso desse termo. Analisamos que os demais (dois) utilizam o termo *comare*<sup>18</sup> em *It.*, neste caso destacamos que de doze informantes apenas dois, ambos da CbGII/ RS, fizeram o uso dos termos *comare* e *compare*, variantes em *It.* como vemos em sua fala:

Ah! Me compare, si son me compare, dire che cosa. Si, anche de cresema, perche a tegnesto mi fiol de cresema. Si de cresema de bateso, de casamento, si ache de casamento, ma afinal tutti eran compare.<sup>19</sup> (CbGII- Boa Vista do SUL/ RS).

Desse modo, analisamos os termos de parentesco e espiritual, pois estes possibilitam a verificação da manutenção e da substituição da língua inserida nessa família Ítalo- brasileira e a partir dos dados coletados temos como hipótese que houve a substituição em Santa Catarina, já no Rio Grande do Sul, a língua foi substituída de certa forma, mas ainda se mantém com maior força nos informantes da CbGII/RS.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, buscamos analisar a manutenção e a substituição do *It.* uma língua inserida em uma família Ítalo-brasileira. Os dados comprovam que nas gerações mais velhas, ou seja, na geração de filhos de imigrantes italianos, a língua se manteve na maioria dos informantes. Destacamos que essa manutenção aconteceu por meio da religião, da escola, uma vez que segundo os informantes da GII/RS tiveram o ensino de *It.*, porém não sabemos se era o italiano padrão ou não padrão.

<sup>18</sup> Tradução Juraci Maria Sfredo: comadre

<sup>19</sup> Tradução Juraci Maria Sfredo: Ah! Meu compadre, sim são meus compadres, mas dizer que coisa. Sim, também de crisma porque ele segurou meu filho para crisma, sim de crisma, de batismo e de casamento. Sim, também de casamento, mas afinal todos eram compadres.

Desse modo, podemos afirmar que os objetivos apresentados no início da pesquisa foram alcançados, Consideramos, a partir da dimensão diatópica que no RS se mantém o *It.*, no caso a CbGII, enquanto que no caso da CaGI se observa uma substituição gradativa do *It.* para o *Pt.* Ao que se refere a Santa Catarina o *It.* já foi substituído pelo *Pt.*. Porém, na geração de netos de imigrantes italianos, verificamos que houve a substituição da língua, não totalmente, mas ela está em processo de substituição.

Observamos também, com base na aplicação dos termos de parentesco e espiritual que apenas duas informantes da CbGII fazem uso de variantes em *It.* enquanto os demais fazem uso de variantes do *Pt.*

Deste modo, percebemos que fatores que fatores que impulsionaram a manutenção, das línguas presentes neste grupo étnico, foram práticas voltadas à religião como aborda Horst (2011) e Horst e Krug (2015) o convívio que permite a formação de identidade. Por outro lado, fatores como: trabalho, preconceito, fatores políticos impulsionaram a substituição gradativa da língua *It.*

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da Língua na era Vargas**: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

HALL, S.; SILVA, T. T.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HASSELTRON, Munick Maria. **Línguas de imigração em contato com o português no Oeste Catarinense**: crenças e atitudes linguísticas. 2018. 146p. Dissertação (mestrado em estudos linguísticos) – Programa de Pós em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018.

HORST, Cristiane. “**Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter vira bisa**”. A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do sul do Brasil. Westenseeeverlag: Kiel, 2011.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo J. **Línguas em contato no sul do Brasil**: um estudo de caso do português e da variedade alemã Hunsrückisch Languages in contact in southern Brazil: a case study of Portuguese and the German dialect Hunsrückisch. *Papia*, n. 22(2), p. 367-383, 2012.

\_\_\_\_\_. Identidade e comportamento étnico linguístico em um contexto multilíngue no sul do Brasil: teoria e prática. *Nonada*, Porto Alegre, nº 24, p. 173-187, 2015.

KRUG, Marcelo J. **Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemã- italiana- português de imigrante RS**. 2004.121p. Programa de Pós- graduação em Letras. Dissertação (mestrado em estudos da Linguagem)- Programa de pós- graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

IBGE Cidades – Santa Catarina, Faxinal dos Guedes. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=33660&view=detalhes>. Acessado 03/07/2019.

IBGE Cidades – Rio Grande do Sul, Boa Vista do Sul. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/boa-vista-do-sul/panorama>. Acessado 03/07/2019.

IBGE Cidades – Rio Grande do Sul, Coronel Pilar. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/municipio/430593>. Acessado 03/07/2019.

In: BONI, Luis. A. de (org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre; Torino: escola superior de teologia; fondazione Giovanni Agnelli, 1990. V. II. P. 576- 625.

In: SIGNORINI, Inês (org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: mercado de letras; São Paulo: Fapesp, 1998. P.69-88.

PERTILLE, Marley Terezinha. **O *Talian* entre o Italiano- padrão e o português brasileiro**: Manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai Gaúcho. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

RENCK, Arlene. **A luta da erva**. 2 ed. Chapecó: Argos, 2006.

\_\_\_\_\_. **Narrativas da diferença**. Chapecó: Argos, 2004.

RADIN, José Carlos. **Italianos e Ítalo- brasileiros na colonização do oeste catariense**. 2ed. Joaçaba: Edições UNOESC, 2001.

MACKEY, William F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A. (ed) *Leading in the sociology of language*. 3 ed. The Hage, Monton, 1972. P. 554-584.

MANFROI, Olívio. **Colonização Italiano no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Grafasul- Gráfica Editora Fotogravura do Sul Ltda., Instituto Estadual do livro, 1975.

THUN, Harald. **A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata**. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (org). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 63- 92.

\_\_\_\_\_. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: RUFFINO, Giovanni. **International Congress of Romance Linguistics and Philology**. Tübingen: Niemeyer, v. 5, p. 701-729, 1998.

**SOMMARIO**<sup>i</sup>: Con il presente lavoro ci proponiamo di analizzare il processo di evoluzione di una lingua inserita in una famiglia italo-brasiliana. Utilizziamo come base teorica i seguenti ricercatori: Campos (2006), Krug (2004), Krug e Horst (2015) Hall (2011) e Oliveira (2000), Pertille (2009), Radin (2001), Boni (1990), Signorini (1998), Thun (2005). La proposta è di analizzare i fattori che hanno guidato il mantenimento e la sostituzione della lingua, in questo caso la lingua italiana. Allo stesso modo, cerchiamo di capire i movimenti di una lingua che si traducono in manutenzione e sostituzione. Questa analisi è stata effettuata attraverso la raccolta di dati, che ha come punti di ricerca i comuni di Boa Vista do Sul e di Colonnello Pilar, situati a nord-est del Rio Grande do Sul, e di Faxinal dos Guedes situato a ovest di Santa Catarina. Inoltre, le giustificazioni che hanno dato origine a questa ricerca derivano dal fatto che l'oggetto di studio proviene da fattori personali e familiari. Ancora, la ricerca contribuisce alla mancanza di studi nell'area della descrizione della lingua. Attraverso questa ricerca, cerchiamo di analizzare il mantenimento e la sostituzione dell'italiano, una lingua inserita in una famiglia italo-brasiliana. I dati mostrano che nelle generazioni più anziane, cioè nella generazione di figli di immigrati italiani, la lingua è rimasta nella maggior parte degli informatori. Sottolineiamo che la manutenzione è avvenuta da fattori come la scuola, la religione. Tuttavia, nella generazione di nipoti di immigrati italiani, abbiamo scoperto che la lingua è stata sostituita, non del tutto, ma in un processo graduale.

**PAROLE CHIAVE:** contatto linguistico italiano portoghese; manutenzione e sostituzione della lingua; identità etnica

---

<sup>i</sup> Tradução Juraci Maria Sfredo.